

A BIOGRAFIA PROFISSIONAL ENQUANTO TEMA NA CULTURA URBANÍSTICA:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA.

ROSANA STEINKE

O urbanista Jorge de Macedo Vieira (1894-1978), graduado engenheiro civil pela Escola Politécnica em 1917, é fruto de uma época onde os profissionais recebiam uma formação voltada para a atuação na escala da cidade, segundo o modelo adotado na estrutura curricular da referida escola, aproximando-se do modelo alemão, que unificava o ensino do curso fundamental e dos cursos especiais em uma única escola e a arquitetura era uma especialização da engenharia. Essa ênfase, conforme aponta Leme, vem da necessidade de formar profissionais em consonância com o processo de modernização tecnológica que começava a se destacar no país. Em termos práticos, significava formar profissionais que atuassem na cidade através de grandes intervenções, envolvendo saneamento, circulação e desenho urbano, com uma visão de totalidade, que englobasse o conjunto da área urbana na época.

Em 1917 Vieira estagia junto a *City of San Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited*, empresa imobiliária cuja atuação na urbanização da cidade de São Paulo é bem conhecida, na qual também trabalharia durante os dois anos seguintes como engenheiro. Neste mesmo período, a Cia. City contratará os serviços do escritório dos arquitetos Raymond Unwin e Barry Parker, expoentes do movimento pela cidade-jardim na Inglaterra. Este movimento, como se sabe, organizado e difundido a partir da obra de Ebenezer Howard publicada originalmente no final do século XIX, *Garden Cities of Tomorrow*, teve ampla aceitação e rápida difusão de suas idéias, dando origem à *Garden City Association* e tendo seu primeiro momento de experimentação em 1903 na construção da primeira cidade-jardim, Letchworth.

Ainda que se tenha a precaução de separar o discurso sobre a cidade-jardim, das cidades-jardins construídas, conforme sugeriu Peña, pois a substância de que está formada a primeira não é a mesma que alimenta o pensamento reformista que acabará se apoderando da idéia e de sua materialização, essas experiências acabariam por promover uma tradição de construção de cidades novas na Inglaterra principalmente após a Segunda Grande Guerra, quando houve um esforço concentrado na reconstrução das cidades inglesas, bem como o planejamento regional recebeu tratamento especial e uma política de implantação de *new towns* foi colocada em prática.

Pode-se dizer que a disseminação a partir da pioneira experiência de cidade-jardim se deu através dos subúrbios, chegando até o Brasil na implantação dos primeiros empreendimentos da Cia. City em São Paulo, logo na primeira década do século XX. Vieira tem, assim, a oportunidade de acompanhar a implantação do Jardim América, Pacaembú, Anhangabaú, Alto da Lapa e Bela Aliança. Estes loteamentos residenciais com traçado tipo bairro-jardim iriam imprimir profunda influência na obra do profissional Jorge de Macedo Vieira.

Segundo o urbanista, seu primeiro projeto data ainda desta década, a Vila Anastácio (1918), abrangendo uma área de 629.782 m², no qual se observam algumas características influenciadas por aquela experiência. As obras que se seguiram revelam os vínculos de Vieira aos princípios de arruamento e planejamento empreendidos pela Cia. City[16], cuja origem, como vimos, revela filiação ao Movimento pela Cidade Jardim, já despojados de seu caráter reformista inicial, recuperando apenas alguns elementos comuns, como a presença de parques e jardins, os *cul de sac* no interior das quadras, a separação do tráfego intenso das vias para uso estritamente residencial, enfim, alguns elementos formais que, conjugados, proporcionavam uma qualidade paisagística e ambiental de nível elevado, em relação aos outros bairros existentes.

Ao congregar estes elementos, a *Cia. City* transforma a paisagem da grelha paulistana, elegendo um traçado elaborado a partir da irregularidade do terreno, acompanhando-o em suas curvas e sinuosidades, em vez de uma malha ortogonal, e inaugura o que foi provavelmente o grande diferencial que caracterizou seus empreendimentos, influenciando a criação posterior de inúmeros bairros-jardins, incluindo aí as obras de Macedo Vieira.

O primeiro projeto de Macedo Vieira que compreendia a idealização de uma cidade é o plano urbanístico elaborado para a empresa Águas Sulphídricas e Thermaes de São Pedro S/A, em 1937. Este projeto contemplava uma futura cidade balneária, o qual aproveitaria economicamente as águas minerais encontradas no interior paulista, descobertas anteriormente na tentativa frustrada de encontrar poços de petróleo na região. No ano de 1943 Macedo Vieira projeta o plano urbanístico da cidade de Maringá.

Em 1955 Macedo Vieira volta a trabalhar na região norte paranaense, para a mesma companhia imobiliária, elaborando o projeto para outra cidade da região, denominada de Cianorte. Com esta pequena incursão em algumas das obras, talvez as mais significativas, do profissional Jorge de Macedo Vieira, pode-se perceber que o mesmo atuou por praticamente meia década, na maioria das vezes elaborando projetos urbanísticos para empresas imobiliárias, ainda que seu escritório tenha, segundo se pôde levantar através da documentação, feito inúmeros projetos de arruamentos, casas residenciais, estradas, entre outros.

Apesar da transparente influência na sinuosidade do traçado do desenho de Vieira, observa-se também que o mesmo congrega elementos de outras correntes urbanísticas, principalmente na elaboração dos projetos para as cidades novas. Estes planos, como veremos adiante, incorporam soluções urbanísticas clássicas, a exemplo de alguns bairros implantados em terrenos planos que recebem um traçado geométrico, como é o caso do Parque Edu Chaves, bairro no qual a suavidade do relevo permitiu Vieira

imaginar um desenho original, partindo de um centro arborizado, com ruas dispostas em raios concêntricos, ou ainda no caso da Vila Nova Manchester, onde, partiu da urdidura de ruas retas interseccionadas por nichos verdes, formando semi-círculos. Além disso, a idéia de zoning[22] está acentuadamente presente. Estes casos, ainda que citados rapidamente, ilustram o diálogo entre os profissionais de urbanismo – que também pode ser percebido através de congressos, exposições, concursos, manuais e mesmo as realizações urbanísticas – e presentes nas realizações de Vieira, de onde se pode estabelecer parâmetros para mapear suas concepções. Investigar Jorge de Macedo Vieira enquanto um difusor do modelo cidade-jardim é um assunto que exige que se caminhe, como vimos, também por estradas vicinais na confecção do texto.

A partir de 1922 Vieira organiza uma empresa, localizada na rua Boa Vista, denominada Escriptório Thecnico Jorge de Macedo Vieira, que contava com uma singular organização familiar na qual trabalhavam seu pai, Francisco Vieira da Silva, como guarda-livros ou contador, seus irmãos Francisco Vieira da Silva Júnior, arquiteto, e José de Macedo Vieira, que era topógrafo e assistente na administração de muitas obras, além de um sobrinho, também topógrafo e filho de engenheiro. Esta estrutura deu sustento para a sua atuação como profissional durante muitas décadas. O conjunto harmonioso dos bairros acima (que pode ser observado na imagem abaixo), iria revelar uma característica permanente em seus projetos posteriores, cuja toponímia geralmente se designa como vila, jardim ou parque e onde se percebe o cuidado do arruamento, com ruas sinuosas acompanhando o relevo mais acidentado, ou a possibilidade de criar composições únicas, como é o caso do Parque Edu Chaves e Vila Nova Manchester, já citados neste texto, com traço formal desenhado a partir do terreno plano. Estas mesmas preocupações estariam presentes na criação de bairros paulistanos como Cidade Mãe do Céu e Jardim da Saúde, entre outros, com a presença de parques junto aos vales e córregos que atravessam sua área.

No Rio de Janeiro, o Jardim Guanabara (projetado entre 1925 e 1931), bairro residencial situado na Ilha do Governador, cuja área aproximada de três milhões de m² estava destinada a uma população de cerca de 20 mil habitantes, foi dotado de áreas reservadas para parques e jardins, com ruas diferenciadas para pedestres e veículos. Igualmente o plano para o Distrito Industrial de Manguinhos (1927) é de autoria de Vieira. Com uma área de 3 milhões e 650 mil m², a localização do terreno envolvia a sede do Instituto Osvaldo Cruz, tendo por objetivo a concepção de um bairro industrial, congregando o aproveitamento racional e funcional dos transportes rodoviário, ferroviário e marítimo, contando ainda com um bairro operário anexo.

Se nestes projetos percebe-se a preocupação com alguns fatores isolados como funcionalidade congregada a uma qualidade ambiental e paisagística, é no projeto para as cidades novas que este profissional terá oportunidade de pôr em prática as suas concepções sobre o modo de organizar o espaço urbano a partir da urdidura das suas ruas, da localização de áreas residenciais e comerciais, da preservação de áreas verdes, bem como da distribuição dos equipamentos urbanos e áreas de lazer, articulando-as a um estudo topográfico cuidadoso.

Além do estudo da obra do profissional Vieira, levando-se em conta a sua formação acadêmica e o contexto social em que atua, percebe-se, nessa pesquisa, a transferência de modelos, estes, muitas vezes gerados a partir de movimentos utópicos, se convertendo em um mecanismo operativo. Para tal estudo, procuramos mapear, a partir da vida profissional do urbanista, como o mesmo teria congregado elementos para estabelecer critérios para seus planos urbanísticos. A singular forma de organização familiar de seu escritório, o ambiente cultural em que o engenheiro viveu no primeiro quartel do século XX na capital paulista, a formação na Escola Politécnica, o contato com os profissionais da área, associado à experiência na *Cia. City*, são elementos que, agregados, ajudam a elaborar o pensamento do urbanista Jorge de Macedo Vieira. Ainda

assim, tal quadro não basta para formar sua concepção enquanto planejador, se não pensarmos também nas transferências culturais.

Salgueiro chama a atenção para a atualidade da biografia intelectual, onde, tal proposta, *a escolha do individual, não significa pensa-lo contraditório ao social, mas em vez disso, seguir o fio do itinerário particular de um homem que, por sua vez, são situados na multiplicidade dos espaços e tempos de trajetórias convergentes. As séries documentais, aparentemente circunscritas a um indivíduo, acabam indicando situações vividas em comum: no tempo curto de uma existência cujo espaço é mais ou menos restrito, na longa duração de um universo cultural sem fronteira. Uma experiência social é assim restituída na complexidade dos seus aspectos mais diversificados. Não há, portanto, oposição entre história local e história global.*

A autora oportunamente lembra que *fazer bibliografias hoje, não significa ver não apenas o que essas biografias têm em comum com os debates correntes, mas também em que elas diferem destes, já que se inscrevem em regimes de historicidade descontínua, marcados por temporalidades múltiplas.* Da mesma maneira, esta pesquisa fez uso de vários dados que associam, conforme sugeriu Salgueiro, a história da engenharia à história das ciências, das técnicas e da educação profissional, não mais como disciplinas separadas, mas ligadas entre si e inscritas numa história cultural mais ampla. Ou seja, a redução da escala de análise, mas aliada a uma pluralidade geográfica. A história orientada por um problema promovida pelos Annales na França, terá em Bernard Lepetit um de seus colaboradores. A chamada nova história urbana a qual se dedicou Lepetit tem na cidade o seu objeto e o seu sujeito, ainda que opaco para este autor, cuja essência não é penetrável, a menos que uma análise cuidadosa a decomponha. O caminho sugerido por este autor é a análise que caracteriza uma dupla aproximação de escala: a primeira – que pode ser denominada macroscópica – analisa o sistema urbano como um modo em que um conjunto de cidades se organiza m em uma configuração espacial e

hierárquica; a segunda – já em menor escala, ou, se quisermos, microscópica – concebe o sistema urbano como uma formação real dentro de uma topografia particular, impressa em uma sociedade estruturada, explicável em relação ao aparato institucional do Estado e traduzível em manifestações culturais diversas. A inversão de perspectiva de Lepetit, que nada mais é que a substituição de uma construção intelectual de ambições mais ou menos totalizantes por outra, ao invocar a condição necessária da redução desta pelo caso particular de outra, ou seja, alterar a escala de observação, está profundamente imbricada com a micro-história italiana, vista nos trabalhos de historiadores como Carlo Guinzburg e Giovanni Levi, mas mais ainda absorve questões da teoria braudeliana, como a chamada história dos sistemas urbanos.

Ao eleger-se pontualmente alguns projetos do engenheiro Macedo Vieira para um estudo, busca-se apontar tais elementos inseridos no urbanismo moderno no Brasil. Neles, se revela a confluência de uma cultura urbanística que há muito vinha se formando, abrindo indiscutível campo de investigação sobre os limites das linguagens, das técnicas e das transferências.

REFERÊNCIAS

ABERCROMBIE, P. **The Greater Plan**. London: H. M. Stationery Office, 1944.

ANDRADE, C. R. M. de. **Barry Parker: um arquiteto inglês em São Paulo**. São Paulo: Tese de Doutorado, FAU/USP, 1998.

BACELLI, Roney. **A presença da Cia. City em São Paulo e a implantação do primeiro bairro-jardim**. São Paulo: Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, Departamento de História, 1982.

BURKE, Peter. **A Escola de Annales 1929-1989**. A revolução francesa da historiografia. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

CALABI, Donatella. **Storia dell'urbanistica europea. Questioni, strumenti, casi esemplari**. Torino: P. B. Mondadori Editori, 2000.

Catálogo da Exposição *O Urbanismo do Engenheiro Jorge de Macedo Vieira*. **IV Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo**, 1999 -2000. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: Dibel, 1990.

FICHER, Sylvia. **Ensino e Profissão – O Curso de Engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica de São Paulo**. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, Departamento de História, 1989.

FISHMAN, Robert. **Bourgeois Utopias. The Rise and Fall of Suburbia**. New York: Basic Books Inc. 1987.

HALL, Peter. **Cidades do Amanhã. Uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

HOWARD, E. **Cidades-Jardins do Amanhã**. São Paulo, Hucitec-EDUSP, 1996.

KAWAI, C. **Os loteamentos de traçado orgânico no município de São Paulo na primeira metade do século XX**. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, Departamento de Geografia, 2000.

LEME, M. C. da Silva (Coord.). **Urbanismo no Brasil 1895-1965**. São Paulo: Studio Nobel/FAU/USP/FUPAM, 1999.

LEPETIT, Bernard. **Por Uma Nova História Urbana**. São Paulo: EDUSP, 2001.

PEÑA, F. Roch. “Mirando hacia atrás”: la Ciudad Jardín cien años después”. In: **Ciudad Y Territorio – Estudios Territoriales**, XXX (116), 1998, p. 449-472.

SALGUEIRO, H. A. **Cidades Capitais do Século XIX**. São Paulo: EDUSP, 2001.

SITTE, Camillo. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

STEINKE, Rosana. **Ruas curvas versus ruas retas**. Dissertação de Mestrado, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, EESC/USP, 2002.

ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

UNWIN, Raymond. Town Planning in Practice: an Introduction to the art of Desing in Cities and Suburbs. London: 1909.